

DEUS E PATRIA

BOLETIM APPROVADO E ABENÇOADO POR SUA EX.^{ma} REV.^{ma} O SENHOR ARCEBISPO PRIMAZ

Director, Editor e Administrador — Sub-diacono Avelino Alves Sampaio

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—Belinho—ESPOZENDE

PROPRIEDADE DA EMPREZA — DEUS E PATRIA

Composto e impresso na Typographia Viziense—Rua Silva Gayo, 42 a 46—VIZEU

O EVANGELHO

Domingo 16.^o depois do Pentecostes

N'aquelle tempo: Tendo entrado Jesus em casa de certo principe dos phariseus para tomar uma refeição, estes o observavam.

E eis que um certo homem hydropico se prostrou deante d'elle.

E fallando Jesus, disse aos sabios da lei e aos phariseus: E' licito curar ao sabbado? Elles porém callaram-se. Mas elle, tocando-o, curou-o e despediu-o.

E voltando-se para elles disse-lhes: Qual de vós, cahindo seu jumento ou boi ao poço, o não tiram immediatamente em dia de sabbado? E não podiam dar-lhe resposta a estas coisas.

Tambem disse aos convidados esta parabola, dando a entender como elles escolhiam os primeiros assentos, dizendo-lhes: Quando fôres convidado para alguma bôda, não te sentes no primeiro logar, não seja caso que esteja convidado outro mais honrado, do que tu, e vindo aquelle que te convidou a elle e a ti, te diga: deixa este logar para este, e então comeces com rubor a occupar o outro logar: mas quando fôres convidado, vae e senta-te no ultimo logar, para que vindo aquelle que te convidou, te diga: amigo, sóbe para cima.

Então te servirá de gloria em presença dos demais convidados, porque todo aquelle que se exalta, será humilhado, e todo aquelle que se humilha será exaltado.

(Do Ev. de S. Lucas, cap. XIV, 1-11).

REFLEXÕES

Os phariseus davam á lei mosaica as interpretações mais ridiculas e exaggeradas. Quanto á observancia do sabbado, eram tão rigoristas que até prohibiam n'esse dia o cuidar dos doentes!

Contra esses exaggeros pharisaicos ergueu muitas vezes a sua voz o divino

Salvador e contra elles protestou curando o pobre hydropico em dia de sabbado.

Mas sem duvida, os phariseus tinham razão de ligar summa importancia á santificação do sabbado, pois era uma grande lei que Deus tinha sancionado com penas terriveis e era principalmente observando essa lei que os judeus se distinguiam dos gentios; e não sabemos qual seja mais censuravel se o rigorismo dos phariseus, se a relaxação dos christãos de nossos dias. Porquanto, se aquelles tornavam odiosa uma lei suave do Senhor, estes desprezam-na, como se o seu divino auctor fôra impotente para castigar os seus transgressores.

Os christãos não são obrigados a santificar o sabbado, o dia em que Deus terminou a obra da criação, mas o domingo, dia em que Deus completou a obra, ainda mais admiravel, da nossa redempção dia em que Jesus Christo resuscitou.

E como santificam esse dia a maior parte dos christãos? Triste é dizelo: desprezam ou omittem tudo o que é preceituado e fazem tudo o que é prohibido n'esse santo dia! Não somente se dispensam, sem nenhum escrupulo, da assistencia ao santo sacrificio da Missa, mas até se entregam a trabalhos, a desordens, a escandalos cujo pensamento faz tremer, cuja vista horrorisa o coração.

E todavia o preceito d'ouvir a santa Missa ao domingo e dias festivos é gravissimo, e obriga a todos os christãos, desde que têm uso de razão, excepto se houver causa grave que dispense, como a doença, a distancia, o mau tempo, a necessidade de olhar por doentes ou creanças, um prejuizo notavel etc.

E' certo que Deus não determinou as obras com que devemos santificar o seu dia, mas com razão a Igreja, por Elle instituida, declarou obrigatoria a assistencia á Missa como a mais excellente das obras com que podemos santificar o domingo. Pois não é a Missa uma viva representação do sacrificio da cruz ou, melhor, o mesmo sacrificio do Calvario em que o Filho de Deus feito homem se offereceu a seu Eterno Pae para a redempção dos homens? E' a mesma victima immolada e o sacerdote principal ou principal offerente—Jesus Christo, embora os dois sacrificios sejam diversos pelo modo e motivo porque se offerecem.

E' tal a excellencia da Santa Missa que uma só dá a Deus muito mais gloria

do que lhe têm dado todos os santos e anjos e a propria Rainha dos anjos, Maria Santissima. Uma só Missa bastaria para redimir infinitos mundos e produzir no mundo os mesmos effeitos que produziu a paixão e morte de Jesus Christo. Com a Santa Missa honramos a Deus quanto a sua infinita grandeza merece ser honrada; applicamos a Deus quanto o exige a sua divina justiça, agradecemos a Deus quanto o reclama a sua grande beneficencia; alcançamos de Deus quanto necessita a nossa extrema pobreza.

Ora, sendo assim, acaso merecem o nome de christão os que em sete dias ou sejam 168 horas não dedicam meia hora ao culto a Deus, ouvindo a santa Missa? Acaso poderão esperar as graças de Deus os que assim desprezaram um meio tão facil de as alcançar? Poderão dizer-se filhos da Igreja os que, por qualquer motivo futil, deixam de cumprir tão grave preceito?

Oh! não. Os que assim procedem só podem esperar as maldições divinas.

Mas não é menos grave a obrigação de santificar o dia do Senhor abstendo-se de trabalhos servis. «N'esse dia diz o Senhor, n'esse dia não farás nenhuma obra, nem tu nem teu filho, nem tua filha, nem o teu servo nem a tua serva, nem o teu animal, nem o estrangeiro que está na tua dependencia; porque o Senhor fez em seis dias o Ceu e a terra e o mar e tudo o que elles contêm e repousou ao setimo.»

«Trabalhaes ao domingo, dizia o santo cura d'Ar's; mas o que vós ganhaes arruina o vosso corpo e a vossa alma. Se se perguntasse áquelles que trabalham ao domingo: Que vindes de fazer?—poderiam responder: Venho de vender a minha alma ao demonio, de crucificar Nosso Senhor e de renunciar ao meu baptismo; estou prompto para ir para o inferno.»

E o Santo Cura, depois de recordar que o fructo do nosso trabalho depende sobretudo das benções de Deus, terminava por dizer: «Eu conheço dois meios segurissimos de empobrecer: é trabalhar ao domingo e roubar o alheio.»

Assim o comprehendessem tantos desgraçados que profanam o domingo e dias festivos fazendo ou mandando fazer trabalhos servis!

Caros leitores! Por Deus, respeitae o dia do Senhor. Depois de vos terdes occupado toda a semana de vós e das

vossas necessidades materiaes no domingo, pensae um pouco em Deus e nas vossas necessidades espirituas. Depois de terdes durante seis dias fatigado o vosso corpo, ao setimo dai-lhe descanso. N'esse dia ide aos templos, assisti ao santo sacrificio da Missa, ouvi a palavra divina, instrui-vos na religião, praticae actos de piedade, taes como a confissão e a communhão, recreae honestamente o vosso espirito.

A instituição do Rosario

Tinha S. Domingos sido enviado por Francisco III ao Meio-dia da França prégar a verdade divina e combater os inimigos da cruz e da fé christã, que então alastravam de erres e iniquidades um numero consideravel dos paizes do mundo. Os infieis occupavam a Asia e a Africa, os sarracenos apoderavam-se da maior parte da Hespanha e Portugal, e a terrivel seita dos Albigenses infestava a França e a Italia, que não contentes de alterar a pureza da moral, atacavam denodados todos os nossos dogmas, desfiguravam os augustos mysterios, e ridicularisavam as santas cerimoniaes do culto publico. Ousaram levar o seu fanatismo a ponto de querer acabar com o santo sacrificio da Missa, abolir os sacramentos, sem poupar a humanidade santa e divina de Jesus Christo e as prerogativas da sua augusta Mãe. Só n'esta heresia dos Albigenses, pareciam reviver todas as heresias. O triumpho do inferno era constante; o erro propagava-se por toda a parte como um incendio. Acreditar o vicio, ultrajar a virtude, profanar os sacramentos, infamar o sacerdocio, calumniar o zelo, destruir os altares e demolir os templos eram os trophéus da heresia. A Igreja gemia, noite e dia, junto dos altares; reclamava de Deus as suas antigas misericordias, e os pontifices, consternados, serviam-se de todos os meios para dar remedio efficaz a males tão deploraveis.

Repentinamente, no meio da tempestade, como iris da bonança, apparece S. Domingos. Este heroe da fé, um d'estes homens extraordinarios que Deus reserva, nos conselhos da sua Providencia, para oppôr como muro de brônze ao furor da procella, dirige-se á Santissima Virgem, que recebeu o poder de destruir todas as heresias; junta ás mais fervorosas preces as suas lagrimas, os seus jejuos e todas as praticas da mais austera penitencia, afim de render mais seguramente a justiça divina. Maria intercede: Deus ouve os rogos do seu apostolo. Então a Rainha do Céu apparece a S. Domingos no fervor da sua oração, consolando e inspira o a que opponha á torrente do erro a prece christã e a magestosa simplicidade da fé. S. Domingos comprehendendo perfeitamente que o frocto de todos os males é a ignorancia ou o esquecimento das verdades da fé e da salvação. Guiado pela Santissima Virgem toma por symbolo o Rosario, que tem por fim honrar os quinze principaes mysterios do Salvador e de Sua Santa Mãe, e começa a desenvolve-los com uma eloquencia tal, que breve começa a triumphar de todos os obices e contrariedades:

Foi em Tolosa, em 1208, que elle instituiu o Rosario e começou a prégar-lo ao povo. Tolosa, Montpellier, Agen, Carcassone, Beziers, etc., foram o theatro de seus combates e de seus successos, combates e successos tão extraordinarios e tão rapidos, que foram além de todas as suas esperanças e echoaram prodigiosamente na propria Roma. Os povos corriam como que á porfia a recitar o Rosario, beijavam-no, banhavam-no de lagrimas e interrompiam a sua recitação de violentos soluços. Bem depressa os templos se enchem de fieis e se opera a mais brilhante victoria d'este seculo, celebrando-se por toda a parte, com entusiasmo indiscriptivel, a santidade, a gloria e o poder da Mãe de Deus. Tão prodigioso foi o progresso d'esta devoção, que cincoenta annos depois do sua instituição, milhares de herejes se convertiam ao catholicismo e milhares de peccadores abraçavam a penitencia. O universo catholico alistou-se sob este estandarte, e organisaram-se por toda a parte associações sem numero nas cidades, villas e aldeias. A 7 de outubro de 1571, que era o primeiro domingo do mez de outubro, alcançaram os christãos sobre os turcos a brilhante victoria de Lepanto, que deu o golpe mortal ao poderio otomano. Em memoria d'este acontecimento que salvou a Europa, ordenou Pio V que se dêssem graças á Virgem Santissima, sob o titulo de Nossa Senhora da Victoria. Mais tarde, em 1716, tendo as tropas de Carlos VI alcançado uma grande victoria sobre os turcos na Hungria, no proprio dia em que as Irmandades do Rosario faziam em Roma uma precissão solemne e publica, declarou que esta victoria se devia attribuir á protecção da Mãe de Deus, e ordenou que de futuro a festa do Rosario se celebrasse em toda a Igreja.

Brevemente o Rosario propagado conta entre seus membros Papas, reis, illustres homens publicos, tudo quanto o genio e a piedade catholica tem de mais notavel. Carlos V de Altemanha, Frederico III de Roma, Luiz VIII, Luiz XIV de França, D. Anna d'Austria, Casimiro II da Polónia, Philippe I e II de Hespanha, Affonso V e Henrique I de Portugal pertenceram á confraria do Rosario e foram acerrimos defensores d'esta instituição, chegando o seu *credo* por ella a não quererem occupar-se dos negocios publicos antes de recitarem o Rosario, e obrigando os seus vassallos a acompanharem-nos n'esta santa pratica. Thiago II e III de Inglaterra foram tambem muito devotos do Santissimo Rosario e obrigavam os seus cortezãos a recita-lo todos os dias.

Piedosos servos de Maria, visto a pratica do Rosario ser tão util e proveitosa, acercae-vos de nossos altares e ide com confiança e amor offerecer a esta Mãe Santissima uma corôa de tres *Terços*. Para que, porém, seja mais agradavel á nossa divina Mãe e mais util para nós, meditemos os mysterios que ella nos recorda, e recitemos as orações que a compõem com attenção e piedade. Rejubilemo-nos com Jesus e Maria, reunindo as nossas lagrimas ás suas; celebremos com Maria os triumphos de Jesus e com Jesus corôemos Maria. Quando não podermos recitar toda o Rosario, meditemos, pelo

menos durante o advento, os mysterios gosozos, na quaresma os mysterios dolorosos, e nos outros tempos os mysterios gloriosos. Em todas as preces amemos sempre Jesus e Maria, e Jesus e Maria nos abençoarão e nos coroarão na eterna bemaventurança.

FLORILEGIO

S. Lino

O primeiro successor de S. Pedro no governo supremo da Igreja Christã, foi S. Lino, que era natural de Volaterra, na Etruria.

Tão grande foi, pela fé e pela santidade, que Deus lhe concedeu, como a S. Pedro, poderes extraordinarios: não só expulsou muitos demonios como resuscitou alguns mortos.

Escreveu a vida do seu glorioso antecessor, principalmente aquelles factos que elle praticou para confundir o herejarca Simão Mago.

Não ha muitos dados da sua acção pontifical, mas sabe-se que dirigiu o rebanho de Christo com entranhado zelo pela pureza dos costumes.

Tendo presentes as recommendações de S. Paulo, acerca da compostura com que as mulheres devem comportar-se na Igreja, decretou que mulher alguma entrasse na Igreja sem velar a cabeça.

Sendo consul Saturnino, teve o Pontifice occasião de manifestar a este impio o poder de Deus.

Uma filha de Saturnino soffria de horriveis crises demonicas. Livrou-a o santo Pontifice do poder dos demonios, porém, o perverso Saturnino em vez de prestar homenagem ao verdadeiro Deus, ou, pelo menos, de manifestar a sua gratidão para com S. Lino, ordenou, acceso em raiva, que este fosse decapitado.

Foi sepultado no Vaticano, junto ao tumulo do principe dos Apostolos, tendo occupado a cadeira de Pedro durante 11 annos, 2 mezes e 23 dias, e tendo creado 15 bispos e 18 presbyteros.

CONVERSANDO...

—Muito bons dias, sr.^a D. Anastacia.

—Adeus Adelina, ainda bem que appareces; tristezas não pagam *dividas*. Já se não pode infelizmente resuscitar tua mãe. Ora dize-me cá: ella não tinha algumas moedinhas escondidas ao canto do bahú?

—Nada, sr.^a D. Anastacia; pois o que havia ella de ter, coitada, com uma doença tão longa e tão dispendiosa, que por fim a levou á cova?

—Foi pena, foi; e lá foram tambem para a cova os meus cinco mil reis. A gente, pequena, gosta de fazer os seus favores, mas o peor são as consequencias. Tua mãe tinha tido tanto tempo para me pagar... Ella não teria deixado alguma roupinha em melhor estado?

—Pobre mãe, replicou a Adelina; só tinha o indispensavel. Deus a conserve na sua santa guarda.

—Pois sim, Deus a conserve, atalhou a D. Anastacia de mau humor. Talvez fosse por causa d'essas beatices que ella te deixou sem um centavo e a mim sem

os meus cinco mil reis. Pois se ella passava o tempo na Igreja em vez de trabalhar.

—Oh! D. Anastacia, minha mãe morreu e eu peço-lhe que não lhe falte ao respeito. É falso que ella passasse *todo o seu tempo* na Igreja. Ia lá para cumprir os seus deveres de christã e para procurar conforto na adversidade, mas nunca deixou de trabalhar.

—Não te zangues, pequena. Eu não quero faltar ao respeito á memoria de tua mãe, mas não posso deixar de lamentar que tivesses ficado assim... na miseria.

—Bem sei; a D. Anastacia lamenta sobre tudo os seus cinco mil reis. Ora pois, não se apoquente; minha mãe deixou-me alguma coisa.

—Sim?! Interrogou com avidez a D. Anastacia, os olhos a luzirem lhe de esperança.

—Deixou-me como herança uma grande fé em Deus e uma grande vontade de cumprir os seus mandamentos.

—Ora... que toleima, exclamou despetada a D. Anastacia. Deixa estar que isso ha de servir-te de muito a ti... e a mim.

—Talvez sirva. A minha fé ensina-me a respeitar os vivos e a memoria dos mortos, sobre tudo a d'aquelles que me foram tão caros. Eu bem sabia, D. Anastacia, que minha pobre mãe lhe ficara devendo os seus cinco mil reis e outras pequenas dividas, contrahidas, como lhe disse, durante o longo período da sua doença, e quando ella falleceu fiz logo o proposito de saldar essas dividas.

—Deveras, minha querida.

—Deveras; e como não encontrei as minhas moedinhas ao canto do bahu, nem podia encontrar, um mez depois da sua morte, procurei collocação e fui servir.

—O quê! Tu fizeste isso, Adelina?

—Sim, senhora D. Anastacia, fiz isso. Pois o que havia de fazer? Ora, honra e completei o primeiro mez de serviço e recebi o dinheiro, que não passava muito de cinco mil reis.

—E então, querida pequena?

—Então aqui lhe trago a importância da sua divida, para que não fique arreliada comigo toda a sua vida, e para que de futuro respeito a memoria de minha santa mãe.

—O' filha, mas eu não quiz offender, disse a D. Anastacia estendendo a mão para a cubizada nota. Mesmo se alguma vez te fór prestavel...

—Obrigada, minha senhora... e já agora quero dizer-lhe ainda uma coisa.

—Pois dize, dize.

—É que se minha mãe não tivesse sido uma christã sincera e me não tivesse educado nos principios da nossa santa religião, nunca a D. Anastacia teria isto os seus cinco mil reis; pois nunca poderia provar a sua divida. E quanto a mim, não tendo religião, o que me custaria mentir?

Agradeça, pois, a Deus, e peça-lhe para a livre das taes pessoas que não tem os pés na Igreja, para mais á vontade explorarem o seu semelhante.

A sinceridade é tão poderosa e cantadora que rende os proprios inimigos.

A' LAREIRA...

A sr.^a Brizida encontrando-se hontem com o sr. Antonio da Eira, disse-lhe muito contristada: Ai! sr. Antonio, sr. Antonio, está tud' perdido!...

—Então, sr.^a Brizida, que é que a afflige?

—Pdis não sabe, sr. Antonio?!...

—Como saber, se a sr.^a Brizida ainda m'õ não contou,

—Ai! sr. Antonio, sr. Antonio, aquella scena, outro dia na nossa igreja, deixou-me assarapantada... O mafarrico d'aquella mulher que para lá foi escarnecer da gente não me sae cá da ideia... ai! sr. Antonio, sr. Antonio, aquillo só com um chicote...

—Deixe lá, sr.^a Brizida, nada de affligir, ella não volta lá, que o terreno aqui não se presta para a sementeira que ella pretende...

—Ouvi dizer sr. Antonio, que a mulher é assim a modos de *protelistante*... que não anda boa do juizo.

—E' isso mesmo, sr.^a Brizida, *não anda boa do juizo* a tal *protelstante*, não.

—Ah! então sr. Antonio tambem entende d'estas coisas. E que será isso de *protelstantismo*, como dizem.

—Eu lhe digo sr.^a Brizida. Deu-se o nome de *protelstantismo* aos erros de Luthero (um frade apostata, orgulhoso e devasso) porque os discipulos d'este heresiarcha *protelstaram* contra um decreto do imperador Carlos V na dieta de Spira, e appellaram d'elle para um concilio geral. Chamaram-se logo *protelstantes* os que, seguindo o exemplo de Luthero, se rebellaram contra a Santa Igreja, catholica, romana, unica verdadeira.

Basta isto, sr.^a Brizida, para comprehendermos que o *protelstantismo* é um erro propalado de varias maneiras, e que por consequente, não é obra divina, pois não tem a Deus por auctor, nem a empresa é de Deus, nem os meios, de que se serviu o tal Luthero, véem de Deus.

—Bem me queria parecer, sr. Antonio, que isto havia de ser obra do Demonio, que é pae da mentira!

—Pois é verdade, sr.^a Brizida, o fundador da *seita protelstante*, foi Martinho Luthero, allemão de origem, nascido em 1484, e ao tempo frade da ordem dos Agostinhos descalços. Tinha feito voto de pobreza, castidade e obediencia, mas renegou a tudo isto, revoltando-se contra o Papa, e casou-se com uma desgraçada da mesma laia, Catharina de Bora, monja apostata como elle.

Já vê sr.^a Brizida que o que torto nasce, tarde ou nunca se indireita, e assim aconteceu a essa gentinha que se diz *protelstante*. Nasceram tortos porque vieram do erro, e não se *indireitam* porque não querem reconhecer que verdadeira é só a religião que Nosso Senhor Jesus Christo fundou e existe ha viate seculos.

Sulpicio Severo.

Notas ligeiras

Lemos nos jornaes que a direcção geral do commercio agricola, communicou ao sr. ministro da agricultura que se en-

contram no antigo Mercado Central dos Productos Agricolas, grande quantidade de milho avariado que dentro de poucos dias estará completamente estragado.

Da mesma forma no Mercado Central se encontram milhares de toneladas de batata que em breves dias apodrecerá por completo, se não fór já retirada.

Em Lisboa na estação de Santa Apollonia foram apreendidos 7:014 kilos de arroz que foram lançados ao guano.

O mesmo aconteceu a 1:803 kilos de bacalhuu que foram apreendidos na mesma estação, no mesmo estado.

E no entanto a miseria é cada vez mais assustadora e a fome bate espectralmente á porta de todos os lares.

S. Santidade Bento XV dirigiu a Sua Eminencia o sr. Cardeal Patriarcha de Lisboa uma mensagem, e ao Episcopado portuguez, felicitando-o por ter melhorado a situação religiosa em Portugal.

Recommenda se aos bispos a instrucção do clero e que vá completar a Roma os seus estudos. Aconselha ainda os catholicos a proteger a boa imprensa.

Um jornal de Paris affirma que M. Poincaré não sollicitará a renovação do seu mandato presidencial, quando em 1920 se reunir o congresso de Versalhes. Contentar-se-ha em ser eleito como candidato do Senado.

Falla-se em que o sr. Affonso Costa visitará em breve o Brazil, havendo quem diga que tencionu lá fixar residencia, visto em Portugal nunca se poder desligar completamente da politica, como é seu desejo.

Que pena se não é acompanhado pelo sr. Bernardino, pelo sr. Norton e pelo sr. Chagas.

Que bem lá ficavam todos!...

Assumi as funcções de ministro de Portugal junto da Santa Sé, no dia 11 do corrente, o sr. dr. Pedro Martins.

A proposito de diversos boatos que correram sobre as demissões dos srs. Feliciano da Costa e Forbes Bessa do mesmo cargo, a imprensa que defende a politica do Vaticano desmente o boato de que elles tivessem deixado o seu logar por motivo de qualquer desacôrdo com a Santa Sé, que nunca existiu.

Durante uma excursão que o presidente Wilson fazia em automovel, acompanhado por alguns amigos e por jornalistas, o automovel voltou-se.

O «chauffeur» e um dos jornalistas morreram, duas outras pessoas ficaram feridas e só o presidente Wilson ficou illeso.

Caillaux, o antigo presidente de conselho, vai ser presente ao Alto Tribunal por intelligencia com o inimigo.

Em deposito na Alfandega de Lisboa, onde se encontravam sonogadas ha muitos mezes, foram descobertas, por uma brigada de fiscaes sob a ordem do agente Ventura, 48:561 saccas de arroz completamente podre e pertencente á Companhia Mercantil.

HEROISMO E MORTE

«Era um jovem de 14 annos, soldado voluntario. Assignava-se em Hirson no momento em que a grande Berlita (assim chamava-se os francezes a grande canhão allemão que heo parthou Paris) trabalhava e em mais actividade.

Quando tempo era já, fixou logo o local exacto onde devia estar este famoso canhão e resolveu evadir-se, com o fim de melhor informar o estado-maior francez. Partiu com outros companheiros. Todos foram feitos prisioneiros dos allemães. O pobre geometra levava consigo infelizmente uma arma. Os seus camaradas foram enviados para um campo de concentração e elle condemnado a morte.

«Gustavo morreu como morriam outrora os martyres christãos, como heroe, como verdadeiro soldado francez, sem queixas, apenas com algumas lagrimas nos olhos», escreve o rev.º Padre Becrot, vigário de Hirson. Abraçou-me, a mim que chorava, e elle o corajoso christão me disse:

«Deus escolheu-me para victima, acito-o.» Fez em antes terminou os seus preparativos como para uma viagem, pondo tudo em ordem, não esquecendo de me deixar a mim as suas contas que elle rezava cada dia. Depois da confissão que fez, eu tive de voltar á cidade para, segundo o seu grande desejo, lhe ir buscar a sagrada communhão, caso permitisse o commandante do forte. O medico em chefe emprestou-me o seu automovel e depressa regresssei ao forte. Encontrei Gustavo de joelhos, deante de uma meza, por cima da qual tinha estendido um lenço limpo e as suas contas de rezar; á direita a imagem do Sagrado Coração, á esquerda a de Joanna d'Arc.

Sobre este altar improvisado, eu colloquei o Deus dos fortes, enquanto elle com uma voz serena, recitava o *Confiteor*. Disse-me: «Agora estou forte, não quero que me venham vender os olhos e V. Rev.ª terá a bondade de me acompanhar.»

Batem a porta; sahimos da cella. Em baixo, o commandante recusou-me a licença de o acompanhar. Abracei-o mais uma ultima vez e elle abraçou-me dizendo-me: «V. Rev.ª queira abraçar os meus se os vir um dia e dizer-lhes que morro contente.»

«Eu olharei para o Ceu, disse elle ao commandante que queria vender-lhe os olhos». Instantes depois, este disse-me: «Sr. padre Vigario, Gustavo morreu como um heroe».

ADIVINHA POPULAR

Passel por muitos janeiros
Quando eu outra forma tinha,
Até que meu dono viu
Que eu assim lhe não convinha.
Uma coisa que onde chega
Bota o que encontra a perder,
Quando me quer extinguir
E' que me dá novo ser.
D'alle recebo o valor
Que me faz ser procurado
Para gente que tem posses
Venha a casa amortalhado.

Deci'ração da anterior:—*Espanja*

UM EXEMPLO POR SEMANA

A inveja é contraria á justiça

Um pae de familia sabeu de manhã cedo a assalariar obreiros para a sua vinha. E feito o ajuste com os obreiros a um *dinheiro* por dia, mandou-os para a vinha. E tendo sahido pela *terceira hora*; viu os obreiros na praça ociosos. E disse-lhes a elles: Ide tambem vós para a minha vinha e dar-vos-hei o que for justo. E elles foram. E tornou a sahir pela hora sexta e pela nona; e fez o mesmo. Sahio enfim pela hora undecima e achou outros ociosos e disse-lhes: Porque estaeis aqui todo o dia ociosos?—Dizem-lhe porque ninguem nos ajustou. Diz-lhes: Ide tambem vós para a minha vinha. E ao anoitecer, diz o dono da vinha ao feitor: Chama os obreiros e dá-lhes o salario, começando desde os ultimos até aos primeiros. E tendo chegado os que vieram pela hora undecima, receberam cada qual um dinheiro. E chegando tambem os primeiros, julgaram que haviam de receber mais; receberam, porém, elles cada qual um dinheiro. E ao receber murmuravam contra o pae de familia, dizendo: Estes, os ultimos, trabalharam só uma hora, e egualaste os a nós, que aguentamos o pezo do dia e da calma!

Elle, porém, respondendo a um d'elles, disse: Amigo, não te faço agravo; não ajustaste conmigo um dinheiro? Toma o que é teu e vae-te; apraz-me, porém, dar a este ultimo tanto como a ti. Ou não me será licito fazer o que quero do que é meu? Porventura não de ser mais os teus olhos, porque eu sou bom?

(S. Matheus XX, 1-15).

Os dois compadres

—Bons dias compadre, vamos á Missa?

—Vamos compadre, se Deus quizer e ajudar. Então como vão a comadre e o meu afilhado?

—Lá vão vivendo mas com muitas fezes por causa d'estes calores que tudo seccam. Não sei como se ha de viver. Pouca batata, pouco milho e nas feiras está tudo pela hora da morte.

—E' verdade, compadre; a vida hoje está quasi impossivel. Ainda nós temos algumas terras, louvado Deus, mas os pobresinhos como hão de viver? Deus nos acuda com outros tempos.

—Dizes bem, compadre; Deus nos acuda, pois cá na terra já não ha remedio possivel.

—Mas deixemos coisas tristes; Deus que escreve direito por linhas tortas, ha de ter compaixão de nós e tenho fé que ainda nos ha de dar honras com juizo.

—Sim, compadre; cumpramos os nossos deveres e a Providencia Divina se compadecerá de nós e mandará outros tempos.

—Sabes a que horas é hoje a Missa? Eu no domingo fui á feira e a tua comadre teve de ficar em casa e por isso não sabemos a que horas é.

—Olha compadre, eu para te dizer a verdade, tambem não sei. O sr. Prior tem passado mal e é provavel que não seja muito tarde, se elle a disser. Deus a p'zás nove e ainda não são oito.

—Ainda temos muito tempo.
—No fim da Missa demoras muito compadre?

—Não sei; como hoje ha reunião d Sociedade, não sei o tempo que demora rei.

—E' verdade: ouvi dizer que o sr. Prior está organisando uma Sociedade de Beneficencia. Sabes-me dizer o que vem a ser? Eu tenho andado sempre por fóra e não sei bem o que se passa.

—Admiro que estejas tão atrozado, pois trata-se d'uma Sociedade de Socorros Mutuos em que os socios têm direito a remedios, medico, caixão e enterro se morrerem, e adubos chimicos mais baratos, etc.

—Mas ouvi dizer que se trata d'um Sociedade Maçonica.

—Estás parvo, homem de Deus? Então o nosso Prior mettia-se n'essas coisas? Tu não estás *melhor*, compadre, nem falles n'isso.

—Pois olha compadre; ainda não he muito que o ouvi dizer na feira de um homem que tenho por sério.

—Nada, compadre; ao teu homem sério, ou falta uma aduela ou o que o doidor não têm, ou então é velhaco quer lançar o desrolho sobre uma obra que são admiraveis fructos produz.

—Pois que até disseram que essa Sociedade é para acabar com a Irmandade?

—Nada, nada compadre, não fallemo n'isso; quem diz essas coisas ou é parvo ou velhaco. A Sociedade nada tem com a maçonaria nem com a Irmandade; tanto assim é que os estatutos vão ser aprovados pelo Sr. Bispo.

—Estou a vêr que é tudo mentira que me disseram e que os que falaram não sabem o que dizem.

—Por certo, compadre; o alé d'isso o compadre vá hoje assistir á reunião e já vê do que se trata.

—Pois bem; no fim da Missa lá vou e visto ser assim, tambem vou entrar na sociedade.

—Faz bem, compadre; precisamos unir-nos todos para o bem, já que os impios se unem para o mal.

.....
—Onves, compadre? Está *picando* a entrada, são horas de Missa.

—E' verdade, compadre, chegamo a boa hora. Vou ter som a comadre, logo á sahida da igreja espera-me para ir contigo á reunião.

—Pois não faltes. Adeus.
—Adeus, até logo.

Calendario religioso da semana

Domingo, 28— S. Wenceslau, duque da Bohemia, M.

Segunda feira, 29— S. Miguel Archanjo.

Terça-feira, 30— S. Jeronymo, Doutor da Igreja.

OUTUBRO

Quarta-feira, 1— S. Remigio, B. (Quarto crescente ás 8 h. e 37 m. da manhã)

Quinta-feira, 25— S. Firmino, B. M.

Sexta-feira, 3— S. Candido, M.

Sabbado, 4— S. Francisco d'Assis, fundador das tres Ordens Menores.